HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 5 • NÚMERO 30 • FEVEREIRO 2026

Editorial

— António Braz

Presidente do Conselho Executivo USG

Em primeiro lugar quero agradecer a compreensão de todos pelos constrangimentos causados pelo mau tempo e que levaram ao cancelamento das aulas. Em segundo lugar, felicitar a equipa da Universidade Sénior pelo 2º lugar conquistado no XXII Concurso de Cultura Geral e todo o apoio recebido por parte de quem nos acompanhou até Ermesinde.

Fevereiro está a terminar e março ficará marcado pela comemoração do 20º aniversário desta instituição que tem conseguido promover o bem-estar e a qualidade de vida de todos os que fazem parte desta "fábrica da felicidade".

Que este março seja, assim, o prelúdio de um mês de festa e de um ano inteiramente dedicado a honrar a história da Universidade Sénior de Gondomar e todos aqueles que a tornaram possível.

Bem-hajam!

A Curiosidade: Uma Força Transformadora

— Etelvina Sousa Ferreira

A curiosidade é uma das caraterísticas mais marcantes do ser humano. Ela impulsiona a busca pelo conhecimento, incentiva a criatividade e motiva-nos a explorar o desconhecido. Desde a infância, a curiosidade leva-nos a fazer perguntas, – "Mãe porque é que a lua tem luz?" – a investigar o funcionamento do mundo e, até, a desafiar limites. Sem a curiosidade, a humanidade nunca teria avançado na ciência, na tecnologia e na cultura e, também, nunca teria desvendado mistérios e ampliado horizontes.

Os benefícios da curiosidade são inegáveis. Ela melhora a aprendizagem, pois torna-nos mais interligados e abertos a novas ideias. Para além disso, pessoas curiosas são mais capazes de encontrar soluções inovadoras para problemas complexos. Até, no âmbito social, a curiosidade facilita as conexões interpessoais, pois leva-nos a conhecer melhor os outros e a demonstrar interesse genuíno.

No entanto, a curiosidade também pode trazer desvantagens, pode levar

a riscos desnecessários e situações perigosas. Não é por acaso que o ditado popular diz que "A curiosidade matou o gato". A busca incessante de informação pode resultar em ansiedade ou sobrecarga cognitiva, dificultando a necessidade individual do foco no essencial. Além disso, a curiosidade pode causar problemas éticos e relacionais ao invadir a privacidade alheia.

Mas o que acontece quando um ser humano não tem curiosidade? A resposta é simples: pode entrar em estagnação intelectual e emocional. Sem curiosidade não há progresso, não há motivação para aprender ou explorar novas possibilidades. Quem não tem curiosidade pode tornar-se num ser indiferente ao mundo e ao meio que o rodeia, vivendo numa bolha de inconformismo. Em contextos académicos e profissionais a sua ausência pode limitar a capacidade de adaptação e inovação e, portanto, torna o indivíduo menos apto a enfrentar desafios.

Na verdade, no ditado, "A curiosidade matou o gato", o gato simboliza alguém curioso ou intrometido e a frase é negativa, um aviso para os perigos de se ser extremamente curioso. Mas, se olharmos por outra perspetiva, invertendo o sentido tradicional do ditado, podemos interpretar que o "gato morto" é a ignorância, pois o conhecimento pode adquirir-se através da curiosidade. Assim a curiosidade pode ser interpretada de modo positivo, ou seja, a curiosidade mata o estado de ignorância.

Portanto, a curiosidade é uma força poderosa, desde que equilibrada, para poder trazer benefícios sem gerar consequências negativas. Cultiva-la de forma consciente e ética permite expandir o nosso entendimento sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Quanto a mim, eu sou extremamente curiosa. E tu?

À atenção de...

— Artur Sousa

À atenção de sua excelência o presidente dos E.U.A Sr. Donald J. Trump, o magnânimo.

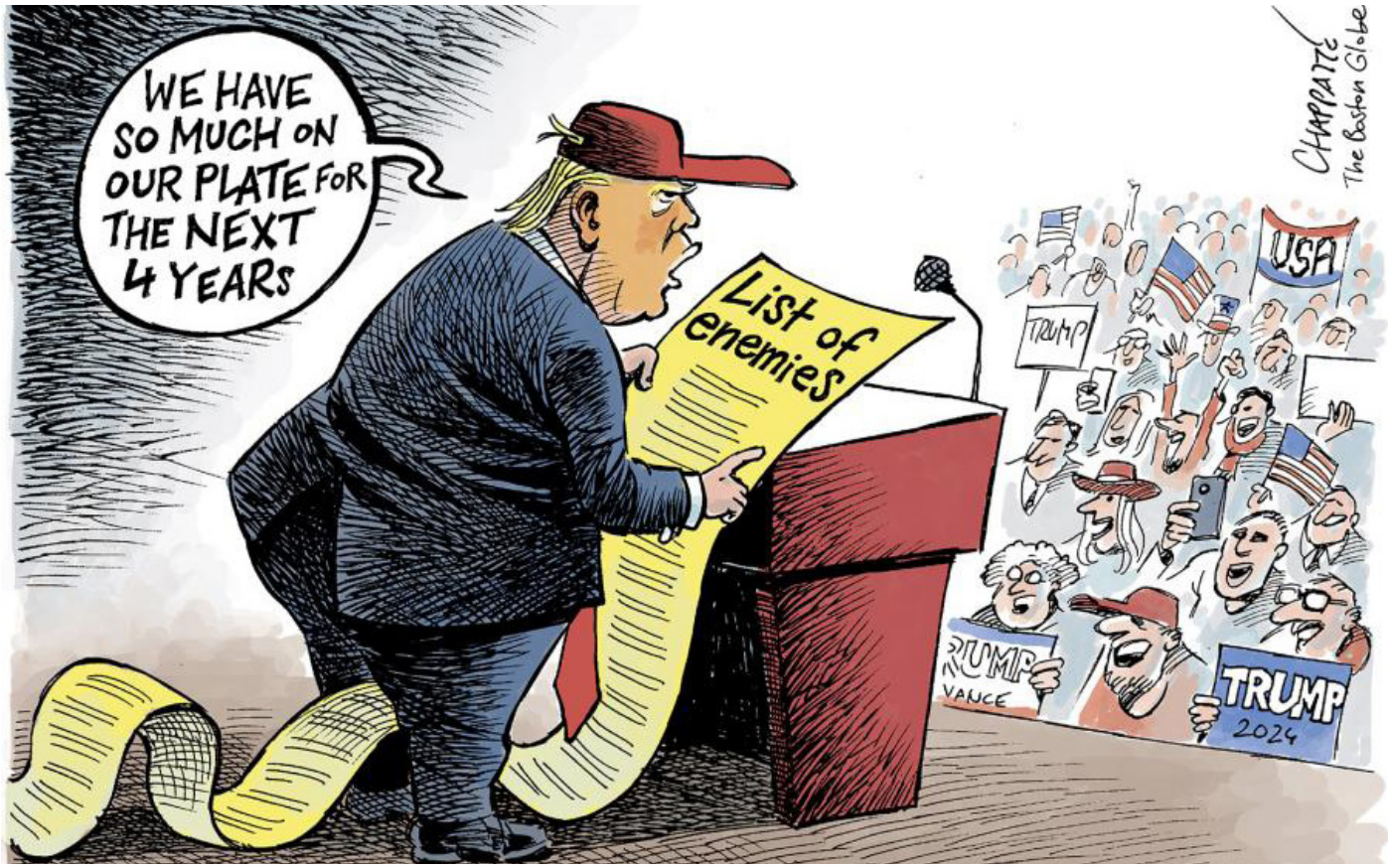
Bom dia! Na qualidade de pequeno proprietário detentor de uma parcela de terreno na Ocidental Praia, estou disponível para alugar a mesma.

Dá para estacionar três F 35 de frente e um quarto de lado. Tem ainda espaço para uma bomba de gasolina a ser construída por detrás de um muro e assim enganamos a agência do ambiente e os vizinhos. Tem registo BUPI. O contrato pode ser por 99 anos, com pagamento mensal em espécie. O aluguer está abrangido pelo programa de apoio à renda do governo do Sr. Montenegro.

A localização do terreno é de excelência, de Nova York aponta o air force one para oeste. Sempre a direito, seis horas de depois está na Ocidental Praia. Lembro que o prazo de candidatura de apoio à renda termina no fim do mês.

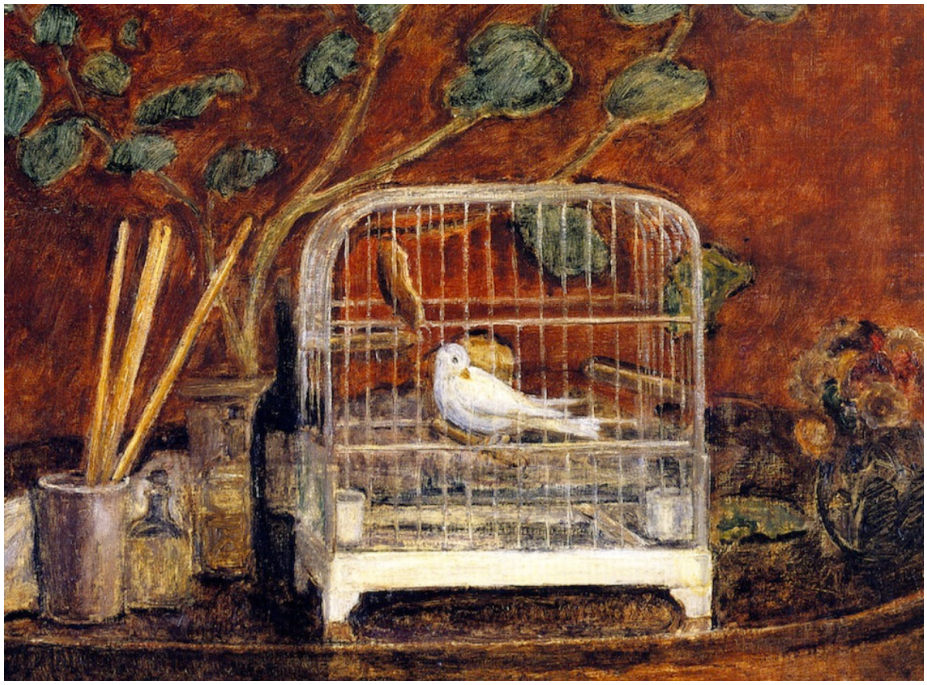
As minhas desculpas pelo tempo roubado, no qual certamente já teria acabado com mais quatro guerras. Se for de vontade visitar o terreno estou disponível este fim de semana.

Com respeitosos cumprimentos ao fazedor de ventos e marés, apaziguador de guerras, melhor agente imobiliário do mundo, saudações.



Exilados

— Diamantino Torres



O homem vivia num pequeno apartamento numa rua muito movimentada, principalmente por viaturas que ininterruptamente a cruzavam. Só com a noite, já avançada, é que emergia o silêncio. A nova residência, um pequeno apartamento, exíguo para quem toda a vida viveu, desafogadamente, em grandes moradias. Imóveis rodeados de muros orlados por sebes, com jardins, exuberantes, na frente da casa e nas traseiras um quintal onde todos os anos renascia uma frutuosa horta. Mas, por necessidade e circunstâncias existenciais. a vida agora era outra. Uma entrada comum, para os condóminos, que dava acesso aos casulos onde as famílias se recolhem após cada dia de trabalho ou de estudo. Ao fim de semana era a insuportável sinfonia de aspiradores e de berbequins aqueles a aspirar e estes a furar paredes.

Ninguém era santo neste rosário. Entre os afazeres profissionais e os poucos recursos financeiros para pagar a uma empregada doméstica eram os condóminos, eles próprios, a tratarem da limpeza das suas habitações. E o tempo disponível era ao fim de semana.

Durante os dias úteis tirando alguns reformados que se arrastavam pelos espaços claustrofóbicos das habitações o prédio encontrava-se desértico.

O pior era o trânsito rodoviário que rugia furioso arrastando consigo um excesso de decibéis que trucidava qualquer mente mais débil e asténica. A frente do prédio estava sempre sobrelotada de viaturas que roubavam todo o espaço disponível. Os peões, transeuntes, tinham que descer o passeio, para puderem circular, sujeitando-se a um sempre temeroso atropelamento. Há mais carros que pessoas chega a haver um carro para cada elemento do agregado familiar. Este aspecto caótico dava ao edifício um especto desarmonioso e sombrio.

Pelo que já foi dito constata-se que há mais carros que pessoas e por isso o espaço para estacionar é disputado ao centímetro. Passeios são invadidos, espaços entre canteiros também são intensamente procurados.

Uma jovem mãe com um filho bebé, no carrinho, e outro menino mais velho têm de contornar um carro estacionado, em cima do passeio, e invadir a pista onde latas barulhentas e fumegantes, como touros, investem contra quem ousa invadir-lhes o espaço e têm uma especial aversão por ciclistas. A vida continua há um destino e para lá chegar há um caminho a percorrer e a mulher, mãe, arriscou porque não tinha alternativa para continuar a marcha.

Espaços verdes, para fruição da comunidade, são atravessados por idosos, jovens, crianças e famílias. Aos dias da semana os aposentados, já libertos dos afazeres profissionais, fazem as suas caminhadas para tentar manter a saúde e concomitantemente a qualidade de vida. Quem ama a natureza e não vive no campo tem nos jardins com arvoredo, fontes, percursos pedonais, um oásis onde além de espécies vegetais também é possível encontrar uma interessante quantidade de aves: melros, gaios, pombos bravos e nos ribeiros rãs a coaxar.

Os orientais, japoneses por exemplo, pelo que li e vi num documentário amam os jardins, a harmonia e a limpeza. Virtude salutar. Não quer isto dizer que também não tenham os seus defeitos.

Aqueles, os nipónicos, levam os passarinhos enjaulados para os jardins. Não sei o que pensam os pássaros: experimentar a liberdade dado que quase todos nasceram em cativeiro? medo da liberdade? Toda a vida a dependerem do dono para se alimentarem, beberem e limpeza da gaiola ou então sucumbirem ao medo de procurar alimento, água, abrigo e aos predadores naturais, gatos e aves de rapina. Mas, apesar do perigo, quando a porta da pequena gaiola, por acidente ou distração se abre, o convite é aceite e o passarinho lança-se no vazio.

Já me aconteceu! Um canário que cantava ter fugido e regressado no dia seguinte. Nunca esquecerei esse frágil passarinho pelo canto, pela beleza e pela sua história de vida.

Certo dia a gaiola, que o prendia, estava pendurada num prego pregado num barrote. Por motivo que não pude apurar a gaiola caiu o que levou à abertura da porta e a consequente fuga do passarinho. Ainda o vi voando para uma oliveira. Despedi-me dele temendo nunca mais o ver.

Este passarinho foi, em pleno estio, encontrado pelo meu filho, num

passeio, quase inanimado. O rapaz trouxe-o nas mãos e ressuscitou-o. Uma gota de água no bico e a proteção de uma sombra fresca fê-lo renascer. Mal recuperou os sentidos e após curta convalescença presenteou-nos com uma sinfonia digna de um Mozart ou de um Beethoven.

Estava eu a dizer que o canário fugiu. Pois no dia seguinte ouvi-o cantar na janela do meu quarto. Não queria acreditar! Abri a janela e o passarinho entrou e deixou-se apanhar.

Vida cheia a deste pássaro. Ainda nos alegrou com os seus cantos durante alguns meses. Um dia não o vi no poleiro. Estava caído no chão da gaiola.

Pensei cá para mim: terá, como um gato (seu temível inimigo), sete vidas?

Mas não, estava frio e rígido. Estava morto.

Ficamos todos tristes. Sim, é possível sentir a perda de um pássaro pois este encheu-nos a vida com a beleza da sua plumagem. Com a sonoridade do seu bel-canto que nos deliciava.

Pegamos no seu corpo franzino e colocamo-lo numa pequena caixa de telemóvel, não vá ele por artes mágicas, enviar uma melodia pelo you tube. Fizemos um pequeno buraco sob a sombra de uma laranjeira e aí o enterramos ao som de Enrico Caruso o famoso tenor italiano.

Por fim, o morador do apartamento sonhou que onde se imobilizavam as viaturas iria ser, em frente do prédio, construído um jardim com árvores.

Cantar

— Milú Almeida

Vamos cantar as "Janeiras", que o mês já vai a meio e o tempo (e nós!) precisa de aquecimento?

Vamos cantar, amores, que cantar desperta para a vida e, sem dar por isso, as horas passam; vamos abrir os lábios e soltar a voz e o pensamento, dum jeito muito meigo e doce, pois cantar é unir, é beijar corações que precisam gritar, agradecer ou elevar-se até um novo patamar.

Na música há notas compostas e juntas, pousadas na pauta, através do trabalho

que leva à canção, essa coisa bonita com que a alegria pode entrar no dia a dia, essa que transforma a voz em ponte das memórias que se colam a uma canção, dos encontros que só acontecem associados as pequenas luzes acesas no escuro chamadas melodias.

A música cantada pode andar de mão em mão, no encanto da nossa voz, mais ou menos desafinada, ou de vozes em grupo unidas, em formatos de energia franca e pura nos quais parece que a canção desenha, dentro do peito, uma paixão, uma recordação, uma especial alegria que carrega afeto, que mexe com o corpo, que assobia e abre as janelas à vida.

Corre no espaço onde se recolhe a magia doce, o fruto, a relva, a conversa, a poesia, a pintura, a oração, o sol e o oceano, a cor, o desejo, o gosto, o compromisso, e também os desatinos, os pesos, as saudades, as lágrimas engolidas e os protestos que andam de boca em boca porque a canção também é "arma quando a luta acompanhar ..."! (1)

E ..., já agora, será que o sonho é uma canção de embalar, neste momento em que o mundo anda tão tolo, guerreando e a fazer tudo para nos enganar?

Se o medo de cantar e fazer uma triste figura nos apanha, pensemos no vento que, ao cantar, passa pelas árvores como uma canção antiga que faz bailar as folhas, passa pela casa, entra pela chaminé e, às vezes, adormece com as brasas que abraça, o hino ou poema que nos emociona, o amor que nos enriquece e enlaça, a terapia que nosso "eu" precisa para respirar tranquilo.

Lá diz o velho ditado popular: «Quem canta, seus males espanta»! Então ..., vamos lá cantar?!

Recado de Natal

— Etelvina Sousa Ferreira

Da janela vejo o ano a amanhecer,
Sem folias, sem promessas apressadas;
A rua boceja em restos de alvoradas
E aprende, devagar, a renascer.

No céu nasce a paciência de esquecer
Os brindes, as gargalhadas emprestadas;
As horas chegam nuas, desarmadas,
Como quem não sabe ainda o que vai ser.

Passa alguém com o tempo pelo braço,
Leva o frio no bolso, o passo incerto,
Como se o mundo coubesse num cansaço.

E eu fico, entre o que sou e o que mereço,
A ver nascer o dia em expectação:
Um ano inteiro à espera de um começo.

Os Sinos

— António Ferraz

Sinos que soais ao longe
por entre a chuva serena
fazeis-me lembrar as vozes
de paixão numa novena.

Fazeis-me lembrar o mar
no seu espraiar constante,
saudades entardecidas
no doce olhar de um amante.

Ouvir-vos é como ouvir
num passado quase eterno,
lembranças que o tempo guarda
em versos soltos d'inverno.

É como ouvir minhas mágoas,
fundas como o vosso som,
caídas dos céus da alma
num peito de solidão.

A Cantiga

— Milú Almeida

Vestida como ama antiga,
a cantiga é nossa amiga
e anda nas ruas, espalhando alegria
ou revolta, às fases da vida.

Nasce em janeiro, deitada ao fado,
enleia o amor, embrulha a saudade,
chama sonatas, cantadas de preto,
e desgarradas sem culpa de nada.
Revela segredos duma noitada,
Anda com o vento à volta na praça,
Ora com o povo da vida airada,
Põe-nos nos píncaros duma assentada ...

Vem pela calada
da madrugada e chega à noite
sem dar por nada,
como se fosse flor oferecida,
ou xaile que abraça,
uma lembrança querida,
um aroma perfeito
de um sonho de embalar secreto.
Mora connosco antes de tudo,
abre as janelas, por dentro,
e põe-se a jeito ao hino ou aleluia,
refém das luas, fruto da infância,
que corre no espaço
onde recolhe a magia
e, com diabrura, vai a concertos,
espera à entrada, com alegria,
traz a guitarra e apela à orquestra,
devasta o tempo, seduz o maestro,
e afina o compasso
como corpo que se despe
sem vergonha e canta cantigas
para equilibrar o ego.

Anda pelo mundo e junta-se a tudo,
mesmo que haja notas falhadas
ou vozes de fazer chorar um santo!

A cantiga deixa o sol entrar,
é amiga do peito,
é mão segura contra tristezas,
é sorriso que se espalha no ar
e ponto de encontro
das emoções que encontram,
finalmente, a saída que precisam.

Uma História por detrás do quadro: Composição VIII – Wassily Kandinsky, 1923

— Tétis ao Luar

O dia em que a matemática enlouqueceu e o círculo veio pôr ordem no mundo

Diz-se, embora não venha nos catálogos nem nas atas das academias, que houve um dia em que a matemática perdeu a cabeça. Não foi por erro de cálculo nem por excesso de rigor, mas por cansaço. Cansou-se de ser sempre correta, reta, obediente às margens do papel quadriculado. As linhas, até então disciplinadas, começaram a inclinar-se sem autorização. Os triângulos discutiam entre si, cada um convencido de que era mais essencial do que o outro. Os ângulos agudos tornaram-se agressivos, os obtusos melancólicos, e as retas paralelas, essas, deixaram de se reconhecer à distância.

Foi nesse dia que o pintor acordou com um zumbido no ouvido esquerdo, como se alguém afinasse um violino dentro da sua cabeça. Ao abrir os olhos, não viu o quarto, mas um campo de forças: cores em tensão, formas a empurrar-se mutuamente, sons que se traduziam em manchas e pontos. A matemática, enlouquecida, tinha invadido a pintura.

As linhas correram primeiro. Pretas, finas, nervosas, atravessavam o espaço sem pedir licença, como pensamentos que não esperam pela frase completa. Depois vieram os triângulos, disciplinados apenas na aparência, tentando impor hierarquias num território que já não aceitava chefias. O fundo, claro e quase inocente, fingia neutralidade, mas sabia que ali se travava uma batalha.

Durante horas, ou talvez segundos, pois o tempo também se desorientara, tudo foi conflito. Cada forma queria explicar o mundo à sua maneira. Cada cor exigia ser ouvida. O amarelo gritava. O azul meditava. O vermelho impunha-se com uma autoridade cega, quase czarista.

E então, quando o caos atingiu o seu ponto mais alto, surgiu o círculo.

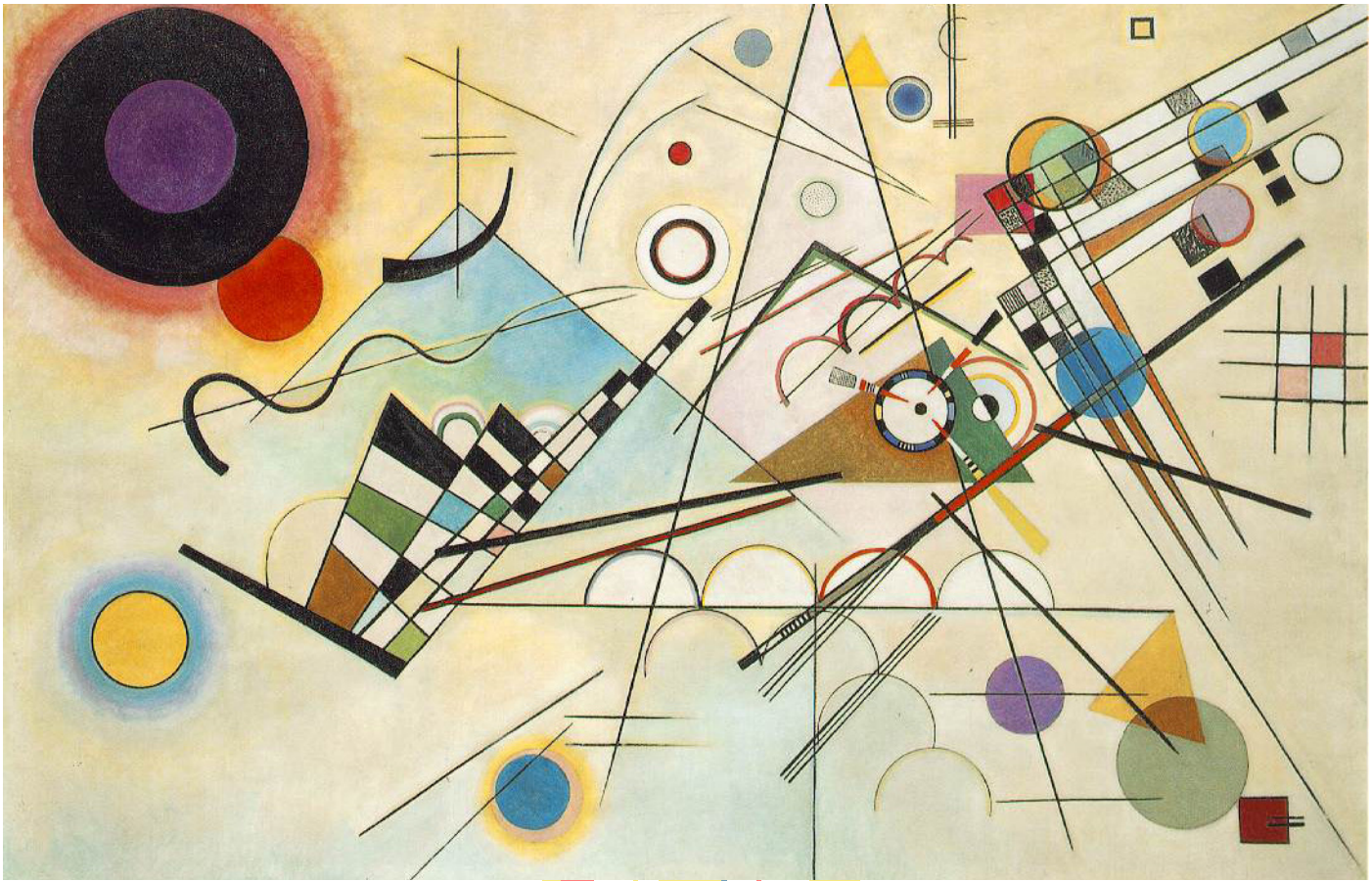
Não entrou de rompante. Não se impôs. Simplesmente apareceu, pleno, sereno, como quem sabe que não precisa provar nada. O círculo não tinha arestas para ferir nem direção para escolher. Era começo e fim ao mesmo tempo. Ao vê-lo, as linhas abrandaram o passo. Os ângulos recuaram, um pouco envergonhados. Até a matemática, ofegante, se calou por um instante.

O círculo não deu ordens, restabeleceu o equilíbrio.

À sua volta, as formas reorganizaram-se, não segundo regras preestabelecidas, mas segundo uma nova escuta. A geometria deixou de ser prisão e tornou-se música. Cada elemento encontrou o seu lugar, não por imposição, mas por ressonância. A matemática, finalmente, compreendeu que podia dançar.

Quando o pintor pousou o pincel, não tinha pintado um quadro: tinha registado um acontecimento. Composição VIII ficou como testemunho desse dia improvável em que o cálculo perdeu o juízo, a arte assumiu o comando, e um círculo — humilde e absoluto — veio pôr ordem no mundo sem nunca levantar a voz.

Desde então, quem olha para o quadro não vê apenas formas. Ouve ecos. E, se escutar com atenção, talvez ainda perceba o momento exato em que a matemática, rendida, aprendeu a sonhar.



Visitas do Presidente do Conselho Executivo, António Braz, às aulas

As Memórias das Festas Populares

— João Paulo Pinto

A memória imaterial popular não se conserva em arquivos nem se sustenta apenas por registos oficiais. Ela sobrevive no exercício contínuo da transmissão. Passa de geração em geração por meio da experiência vivida, do gesto repetido, da palavra cantada, do rito encenado coletivamente.

Ao longo do tempo, são as festividades que se tornam o seu principal território de permanência. As festas populares funcionam como espaços privilegiados de perpetuação da memória. Não apenas porque reúnem pessoas, mas porque convocam práticas herdadas. Preparativos, rituais, músicas, danças, comidas, indumentárias e narrativas reaparecem ano após ano, criando uma continuidade simbólica que atravessa décadas e, muitas vezes, séculos.

É nesse movimento contínuo que a memória imaterial se sustenta. Ela não permanece porque se mantém idêntica, mas porque se adapta sem perder os seus núcleos simbólicos. Cada edição de uma festividade carrega marcas do presente ao mesmo tempo que resgata práticas herdadas. O tempo, longe de apagar a memória, passa a ser seu aliado.

A propagação dessa memória não ocorre de forma formalizada. Não há manuais nem instruções escritas. Aprende-se observando, participando, repetindo. As crianças acompanham os mais velhos, os jovens assumem progressivamente os papéis, os adultos transmitem saberes sem nomeá-los como tal. O conhecimento passa pelo corpo, pelo afeto e pela convivência. A festividade torna-se, assim, um espaço de aprendizagem cultural contínua.

Cada elemento da prática festiva carrega memórias. A música repete versos antigos, as danças mantêm gestos reconhecíveis. As comidas preparadas para a celebração preservam os modos tradicionais de fazer. As vestimentas evocam identidades coletivas. Tudo isto constitui um conjunto de saberes que não se regista em documentos, mas se renova na prática.

Com o passar do tempo, esta forma de transmissão garantiu a sobrevivência de expressões culturais que, de outro modo, se teriam perdido. Mesmo perante processos de colonização, urbanização acelerada e homogeneização cultural, as festividades populares funcionam como espaços de resistência simbólica, e a memória imaterial encontrou nelas um meio de continuar a circular, mesmo quando outros registos foram silenciados.

Entretanto, esta memória não está imune a riscos. A descaracterização das festas, a sua transformação em produtos turísticos desvinculados da comunidade, e o enfraquecimento da continuidade entre gerações ameaçam a continuidade desses saberes. Quando a festividade perde o seu sentido coletivo, a memória que ela carrega fragiliza-se.

Preservar a memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo não significa congelar tradições. Significa garantir que continuem a ser vividas por aqueles que as reconhecem como parte da sua história. Significa valorizar a festa como espaço de encontro, legado e pertencimento.

Ao atravessarem o tempo, as festividades populares demonstram que a memória não fica para trás. Ela refaz-se no presente, a cada celebração. Enquanto houver quem repita o gesto, cante o canto, prepare o alimento e ocupe o lugar simbólico herdado, a memória imaterial seguirá existindo. Não como lembrança distante, mas como prática.

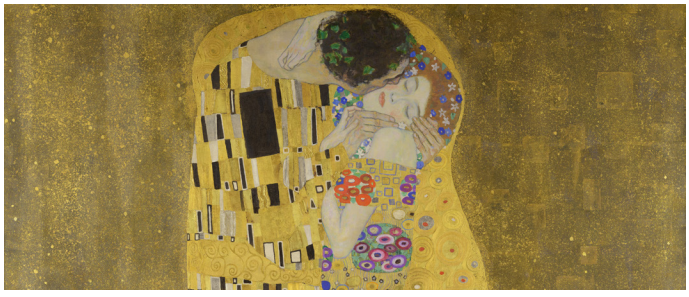
A Paixão

— António Ferraz

Ei-la que passa por mim
como se o mundo a seguisse,
como se o mundo passasse
por ela e ela não visse.

Altiva como a lua
que veste de branco as rosas
na perfeição, na harmonia
das coisas silenciosas.

Traz uma trança de luz
que lhe ilumina o caminho,
poema escrito de versos
na seda dum pergaminho.



É toda ela beleza,
toda ela é ilusão,
cruel olhar sedutor,
cruel fonte de paixão.

E eu que fico, ao vê-la
passar de forma tão pura,
troco a leveza da vida
pelo talhe da amargura!